

A TORMENTA DE ESPADAS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LÍVRO III

GEORGE R.R.
MARTIN

A TORMENTA DE ESPADAS

TRADUÇÃO
Jorge Candeias



Copyright © 2000 by George R.R. Martin

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

A Storm of Swords

Capa

Inspirada na capa de Editions J'ai Lu

Ilustração de capa

© Marc Simonetti

Projeto gráfico de miolo

Claudia Espínola de Carvalho

Ilustrações de miolo

© Virginia Norey

Mapas

© Jeffrey L. Ward

Preparação

André Albert

Revisão

Jane Pessoa

Huendel Viana

Adriana Moreira Pedro

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Martin, George R.R.

A tormenta de espadas / George R.R. Martin ; tradução
Jorge Candeias. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2019.
(As Crônicas Gelo e Fogo ; Livro III)

Título original: A Storm of Swords.

ISBN 978-85-5651-080-8

- I. Ficção fantástica norte-americana I. Título.
- II. Série.

19-24640

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

UMA POETA SOBRE CRONOLOGIA

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO são contadas através dos olhos de personagens que, às vezes, estão separadas centenas ou mesmo milhares de quilômetros umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros, apenas uma hora; outros ainda podem englobar uma quinzena, um mês, um semestre. Com tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; às vezes há coisas importantes acontecendo simultaneamente, separadas por cinco mil quilômetros.

No caso deste volume que o leitor tem em mãos, deve-se compreender que os capítulos de abertura de *A tormenta de espadas* não se seguem aos últimos capítulos de *A fúria dos reis*; antes, se sobrepõem a eles. Abro com uma espiada em algumas das coisas que estavam se passando em Punho dos Primeiros Homens, Correrrio, Harrenhal e Tridente, enquanto se lutava a Batalha da Água Negra em Porto Real, e durante seu desfecho.

George R.R. Martin

*Para Phyllis,
que me obrigou a incluir os dragões*

PRÓLOGO

O DIA ESTAVA CINZENTO E AMARGAMENTE FRIO, e os cães não sentiam cheiro.

A grande cadela preta, que uma vez farejara os rastros do urso, recuou e se escondeu no meio da matilha com o rabo entre as pernas. Os cães aninhavam-se juntos uns dos outros, com um ar infeliz, na margem do rio, enquanto o vento batia neles. Chett também o sentia morder através das camadas de lã negra e couro cozido. O frio era excessivo para homens ou animais, mas ali estavam eles. Sua boca retorceu-se e ele quase conseguiu sentir o rubor e a irritação invadindo as pústulas que lhe cobriam as bochechas e o pescoço. *Eu devia estar em segurança na Muralha, tratando dos malditos corvos e acendendo fogos para o velho mestre Aemon.* Tinha sido o bastardo Jon Snow que lhe roubara isso, ele e Sam Tarly, seu amigo gordo. Era por culpa deles que estava ali, congelando as malditas bolas com uma matilha de cães de caça, nas profundezas da floresta assombrada.

— Sete infernos. — Deu um forte puxão nas trelas para conseguir a atenção dos cães. — *Sigam o rastro*, seus idiotas. Aquilo é uma pegada de urso. Querem um pouco de carne ou não? *Encontrem!* — Mas os cães limitaram-se a se aconchegar mais, ganindo. Chett estalou seu chicote curto por cima da cabeça dos animais, e a cadela preta rosnou para ele. — Carne de cão tem um gosto tão bom quanto a de urso — preveniu-a, com o hálito congelando a cada palavra.

Lark, o homem das Irmãs, estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos enfiadas sob as axilas. Usava luvas negras de lã, mas andava sempre se queixando de estar com os dedos gelados.

— Tá frio demais para caçar — disse. — Que se dane esse urso, não vale o suficiente para congelarmos.

— Não podemos voltar de mãos vazias, Lark — ribombou Paul Pequeno através da barba escura que cobria a maior parte de seu rosto. — O Senhor Comandante não ia gostar disso. — Havia gelo por baixo do largo nariz do enorme homem, onde o ranho congelara. A mão gigantesca metida numa espessa luva de peles agarrava com força o cabo de uma lança.

— Que se dane também o Velho Urso — disse o homem das Irmãs, um sujeito magro com feições bem definidas e olhos nervosos. — O Mormont vai estar morto antes de nascer o dia, esqueceu? Quem se importa com aquilo de que ele gosta?

Paul Pequeno piscou seus miúdos olhos pretos. Talvez *tivesse* esquecido, pensou Chett; era suficientemente burro para esquecer de quase qualquer coisa.

— Por que é que temos de matar o Velho Urso? Por que simplesmente não vamos embora e deixamos o cara em paz?

— E você acha que ele ia *nos* deixar em paz? — perguntou Lark. — Ele ia sair caçando a gente. Quer ser caçado, cabeça?

— Não — respondeu Paul Pequeno. — Não quero isso. Não quero.

— Então vai matar o homem? — questionou Lark.

— Sim. — O enorme homem bateu na margem congelada do rio com o cabo da lança. — Vou. Ele não devia caçar a gente.

O homem das Irmãs tirou as mãos que estavam sob as axilas e virou-se para Chett.

— Acho que devíamos matar *todos* os oficiais.

Chett estava farto de ouvir aquilo.

— Já falamos sobre isso. O Velho Urso morre e o Blane, da Torre Sombria, também. Grubbs e Aethan também, má sorte a deles por terem ficado com esse turno. Dywen e Bannen por serem bons batedores, e sor Porquinho por causa dos corvos. Pronto. Matamos os caras em silêncio, enquanto dormem. Um grito, e viramos comida para vermes, todos nós. — Suas pústulas estavam vermelhas de raiva. — Faça a sua parte e trate de que seus primos façam a deles. E, Paul, tente se lembrar, é o *terceiro* turno, não o segundo.

— Terceiro turno — disse o grandão, através de pelos e ranho congelado. — Eu e o Pé-Leve. Eu me lembro, Chett.

A lua estaria nova naquela noite, e manipularam os turnos para terem oito dos seus de sentinela, com mais dois guardando os cavalos. As coisas não iam ficar muito melhores do que aquilo. Além disso, os selvagens estariam ali a qualquer momento. Chett pretendia estar bem longe do Punho antes que isso acontecesse. Pretendia sobreviver.

Trezentos irmãos juramentados da Patrulha da Noite tinham avançado para o norte, duzentos de Castelo Negro e mais cem da Torre Sombria. Era o maior grupamento de que havia registro, quase um terço das forças da Patrulha. Queriam encontrar Ben Stark, sor Waymar Royce e os outros patrulheiros que tinham desaparecido, e descobrir por que os selvagens andavam abandonando suas aldeias. Bom, não estavam mais perto do Stark e do Royce do que logo após partirem da Muralha, mas descobriram o local para onde todos os selvagens haviam ido — as alturas geladas das miseráveis Presas de Gelo. Podiam ficar agachados ali até o fim dos tempos que isso não cutucava nem um pouquinho os furúnculos de Chett.

Mas não. Eles vinham descendo. Pelo Guadeleite.

Chett ergueu os olhos e ali estava ele. As margens pedregosas do rio encontravam-se debruadas de gelo, e suas águas claras e leitosas fluíam sem parar das Presas de Gelo. E agora Mance Rayder e seus selvagens se aproximavam, seguindo pelo mesmo caminho. Thoren Smallwood havia retornado em estado de alerta três dias antes. Enquanto contava ao Velho Urso o que seus batedores tinham visto, um de seus homens, Kedge Olho-Branco, contava aos outros.

— Ainda estão bem acima da base das montanhas, mas vêm aí — afirmou Kedge, aquecendo as mãos sobre a fogueira. — Harma Cabeça de Cão, aquela vadia purulenta, tem a vanguarda. Goady esgueirou-se até o acampamento dela e a viu bem junto ao fogo. Aquele idiota do Tumberjon queria abatê-la com uma flecha, mas Smallwood teve mais juízo.

Chett escarrou.

— Quantos eram, você conseguiu ver?

— Muitos e muitos mais. Vinte, trinta mil, não ficamos para contar. Harma tinha quinhentos na vanguarda, todos eles a cavalo.

Os homens que rodeavam a fogueira trocaram olhares receosos. Era coisa rara encontrar sequer uma dúzia de selvagens a cavalo, *quinhentos* então.

— Smallwood mandou que eu e o Bannen rodeássemos a vanguarda para dar uma espiada no grupo principal — prosseguiu Kedge. — Não tinha fim. Movem-se devagar como um rio congelado, cinco, dez quilômetros por dia, mas também não dão sinal de quererem voltar às suas aldeias. Mais da metade são mulheres e crianças, e levam os animais com eles, cabras, ovelhas, até auroques arrastando trenós. Estão carregados com fardos de pele e pilhas de carne, gaiolas de galinhas, vasilhas para manteiga e rocas, todas as porcarías que possuem. As mulas e garranos vinham tão carregados que parecia que quebrariam o dorso. As mulheres também.

— E seguem o Guadeleite? — perguntou Lark, o homem das Irmãs.

— Foi o que eu disse, não foi?

O Guadeleite ia levá-los para o Punho dos Primeiros Homens, o antigo forte anelar onde a Patrulha da Noite montara acampamento. Qualquer homem com um pingo de bom senso via que era hora de empacotar a tralha e voltar para a Muralha. O Velho Urso tinha fortalecido o Punho com espigões, fossos e estrepes, mas contra uma tropa tão grande, tudo isso era inútil. Se ficassem ali, seriam subjugados e esmagados.

E Thoren Smallwood queria *atacar*. O Doce Donnel Hill era escudeiro de sor Mallador Locke e, duas noites antes, Smallwood viera à tenda de Locke. Sor Mallador era da mesma opinião do velho sor Ottyn Wythers, que insistia em uma retirada para a Muralha, mas Smallwood queria convencê-lo do contrário.

— Esse Rei para lá da Muralha nunca nos esperará tão longe para o norte — dissera ele, segundo o Doce Donnel. — E essa sua grande tropa é desajeitada, cheia de bocas inúteis que não saberão de que lado da espada se pega. Um golpe vai tirar deles toda a vontade de lutar e botá-los em fuga, aos uivos, de volta às suas cabanas pelos próximos cinquenta anos.

Trezentos contra trinta mil. Chett chamava isso de uma completa loucura, e o que era ainda mais insano era que sor Mallador fora convencido, e os dois, juntos, estavam a ponto de fazer o Velho Urso mudar de ideia.

— Se esperarmos demais, essa oportunidade poderá ser perdida, e para sempre — Smallwood andava dizendo a quem quer que o quisesse ouvir.

Contra isso, sor Ottyn Wythers disse:

— Somos o escudo que defende os reinos dos homens. Não se joga fora um escudo sem bons motivos.

A essa afirmação, Thoren Smallwood retrucou:

— Num duelo de espadas, a mais segura defesa de um homem é o rápido ataque que mata o inimigo, não se aninhar com medo atrás de um escudo.

Mas nem Smallwood nem Wythers tinham o comando. Quem o tinha era lorde Mormont, e Mormont estava à espera de seus outros batedores, à espera de Jarman Buckwell e dos homens que tinham escalado a Escada do Gigante, e de Qhorin Meia-Mão e Jon Snow, que tinham ido bater o Passo dos Guinchos. Mas a volta de Buckwell e do Meia-Mão estava atrasada. *O mais certo é estarem mortos*. Chett imaginou Jon Snow jazendo, azul e congelado, em algum cume gélido, com a lança de um selvagem enfiada naquele cu de bastardo. Essa ideia fez com que sorrisse. *Espero que também tenham matado seu maldito lobo*.

— Aqui não há urso nenhum — decidiu abruptamente. — Não passa de uma velha pegada. De volta ao Punho. — Os cães quase o derrubaram no chão, tão ansiosos por retornar como ele. Talvez pensassem que iam ser alimentados. Chett não conseguiu evitar uma gargalhada. Já não os alimentava havia três dias, para deixá-los ferozes e famintos. Naquela noite, antes de desaparecer na escuridão, iria libertá-los no meio das fileiras de cavalos, depois de o Doce Donnel Hill e o Karl Pé-Torto cortarem as cordas que os prendiam. *Vai haver cães latindo e cavalos em pânico por todo o Punho, atravessando fogueiras em corrida, saltando por cima da muralha e derrubando tendas ao chão*. Com toda a confusão, podiam se passar horas até que alguém reparasse que catorze irmãos tinham desaparecido.

Lark quisera reunir o dobro desse número, mas o que se podia esperar de um homem burro das Irmãs com a boca fedendo a peixe? Bastava murmurar uma palavra no ouvido errado para, antes de se dar conta, acabar sem a cabeça. Não, catorze era um bom número,

homens suficientes para fazer o que tinha de ser feito, mas não tantos que não fossem capazes de manter segredo. Chett havia recrutado pessoalmente a maioria. Paul Pequeno era um dos seus; o homem mais forte da Muralha, mesmo que tivesse o raciocínio mais lento do que o de um caramujo morto. Certa vez, quebrou as costas de um selvagem com um abraço. Também tinham o Adaga, assim chamado devido à sua arma preferida, e o pequeno homem grisalho que os irmãos chamavam de Pé-Leve, que estuprara uma centena de mulheres na juventude e agora gostava de se gabar de que nenhuma delas o viu ou ouviu até que enfiasse o pau nelas.

O plano era de Chett. Era o mais inteligente; além de ter sido intendente do velho mestre Aemon durante quatro bons anos até aquele bastardo do Jon Snow tramar para que seu trabalho fosse entregue ao porco gordo do amigo dele. Quando matasse Sam Tarly naquela noite, planejava murmurar ao seu ouvido: “Cumprimentos a lorde Snow”, antes de abrir a goela do sor Porquinho e deixar que o sangue saísse borbulhando de todas aquelas camadas de sebo. Chett conhecia os corvos, portanto não teria aí nenhum problema, não mais do que teria com Tarly. Um toque de sua faca e aquele covarde mijaria nas calças e desataria a choramingar pela vida. *Que suplique, não vai ganhar nada com isso.* Depois de lhe cortar a goela, abriria as gaiolas e espantaria as aves, para que nenhuma mensagem chegasse à Muralha. Pé-Leve e Paul Pequeno matariam o Velho Urso, Adaga trataria de Blane, e Lark e os primos silenciariam Bannen e o velho Dywen, para evitar que depois farejassem seu rastro. Havia quinze dias que escondiam comida, e os cavalos de Doce Donnel e Karl Pé-Torto estariam preparados. Com Mormont morto, o comando passaria para sor Ootyn Wythers, um velho acabado que já fraquejava. *Antes do fim do dia, ele fugirá para a Muralha, e também não deverá desperdiçar nem um homem à nossa procura.*

Os cães o puxavam enquanto abriam caminho por entre as árvores. Chett via o Punho, que abria caminho para as alturas através da vegetação. O dia estava tão escuro que o Velho Urso mandara acender os archotes, um grande círculo deles ardia ao longo da muralha anelar que coroa o topo do íngreme monte pedregoso. Os três atravessaram um riacho. A água estava gelada, e manchas de gelo espalhavam-se por sua superfície.

— Vou direto à costa — confidenciou Lark, o homem das Irmãs. — Eu e meus primos. Construiremos um barco e voltaremos nele para casa, para as Irmãs.

E em casa saberão que são desertores e cortarão suas cabeças ocas, pensou Chett. Não se podia sair da Patrulha da Noite depois de proferir os votos. Em qualquer ponto dos Sete Reinos, iriam apanhá-los e matá-los.

Agora, Ollo Mão-Cortada, esse andava falando em velejar de volta para Tyrosh, onde dizia que, por um pouco de honesta ladroagem, os homens não perdiam as mãos nem eram enviados para congelar se encontrados na cama com a mulher de um cavaleiro qualquer. Chett cogitara ir com Ollo, mas não falava a língua úmida de menininhas que lá se falava. E o que poderia fazer em Tyrosh? Não aprendera ofício de que valesse a pena falar, ao crescer no Atoleiro da Bruxa. O pai passara a vida roçando nos campos dos outros e apanhando sanguessugas. Ficava nu em pelo, exceto por uma grossa fralda de couro, e entrava na água lamacenta. Quando de lá saía, estava coberto, dos mamilos aos tornozelos. Às vezes, obrigava Chett a arrancar as sanguessugas. Um dia, uma se prendera na palma de sua mão, e ele a esmagou de encontro a uma parede, cheio de repulsa. Por causa disso, o pai espancou-o até deixá-lo sangrando. Os mestres compravam as sanguessugas a um tostão por dúzia.

Lark podia ir para casa, se quisesse, e o maldito tyroshino também, mas Chett não. Se não voltasse nunca a ver o Atoleiro da Bruxa, ainda assim não seria tempo suficiente. Gos-

tara do aspecto da Fortaleza de Craster. Craster vivia lá como um senhor, por que Chett não poderia fazer o mesmo? Que ironia do destino: Chett, o filho do apanhador de sanguessugas, um lorde com uma fortaleza. Seu estandarte podia ser uma dúzia de sanguessugas em fundo cor-de-rosa. Mas por que parar em lorde? Talvez devesse ser um rei. *Mance Rayder começou como gralha. Eu podia ser rei assim como ele, e arranjar algumas mulheres.* Craster tinha dezenove, isso sem contar as novas, as filhas com quem ainda não tinha se deitado. Metade daquelas mulheres era tão velha e feia quanto Craster, mas isso não importava. Chett poderia pôr as velhas para cozinhar e limpar para ele, arrancar cenouras da terra e alimentar os porcos, enquanto as novas lhe aqueceriam a cama e lhe dariam filhos. Craster não fazia objeções, pelo menos não depois de Paul Pequeno lhe dar um abraço.

As únicas mulheres que Chett conhecera eram as prostitutas por quem tinha pagado em Vila Toupeira. Quando era mais novo, as meninas da aldeia davam uma olhada em seu rosto, com furúnculos e quistos, e afastavam os olhos, repugnadas. A pior tinha sido Bessa, aquela vaca. Abria as pernas para todos os rapazes do Atoleiro da Bruxa, então Chett pensou: por que não as abriria para mim também? Ele até passou uma manhã apanhando flores silvestres quando ouviu dizer que Bessa gostava delas, mas a garota limitou-se a rir na sua cara e dizer que antes se enfiaria numa cama com as sanguessugas do pai do que com ele. Ela parou de rir quando ele enfiou a faca nela. Isso foi agradável, ver a expressão no rosto de Bessa, por isso tirou a faca e a enfiou de novo. Quando o pegaram, perto de Seterrios, o velho lorde Walder Frey nem sequer se incomodou em vir julgá-lo pessoalmente. Mandou um de seus *bastardos*, aquele Walder Rivers, e quando Chett deu por si, estava a caminho da Muralha, com aquele demônio preto fedido do Yoren. Em troca de seu único momento de satisfação, tinham lhe roubado a vida inteira.

Mas agora pretendia roubá-la de volta, e também as mulheres de Craster. *Aquele velbo selvagem pervertido é que está certo. Se quer casar com uma mulher, basta tomá-la, e nada de lhe dar flores para que talvez não repare em suas malditas pústulas.* Chett não pretendia cometer esse erro novamente.

Iria dar certo, prometeu a si mesmo pela centésima vez. Desde que a gente consiga se afastar sem problemas. Sor Ottyn avançaria na direção da Torre Sombria, o caminho mais curto até a Muralha. *Ele não vai se incomodar com a gente, o Wythers não é homem para isso, tudo que quer é voltar inteiro.* Agora, Thoren Smallwood, esse ia querer avançar com o ataque, mas a cautela de sor Ottyn era muito arraigada e ele tinha uma patente mais elevada. *Seja como for, que se dane. Depois de a gente ir embora, Smallwood pode atacar quem quiser: O que nos importa? Se nenhum deles voltar para a Muralha, ninguém virá à nossa procura, vão pensar que estamos mortos, como os outros.* Aquela era uma nova ideia, e por um momento o tentou. Mas, para dar o comando a Smallwood, teriam de matar também sor Ottyn e sor Mallador Locke, e ambos eram bem escoltados dia e noite... não, o risco era grande demais.

— Chett — disse Paul Pequeno enquanto avançavam penosamente por uma trilha pedregosa, aberta por animais entre árvores-sentinela e pinheiros-marciais —, e o pássaro?

— De que merda de pássaro você está falando? — A última coisa de que precisava agora era de um cabeça-oca perguntando de um pássaro.

— O corvo do Velho Urso — disse Paul Pequeno. — Se o matarmos, quem vai dar comida ao pássaro?

— Quem liga para isso? Mate o pássaro também, se quiser.

— Não quero fazer mal a pássaro nenhum — disse o enorme homem. — Mas aquele é um pássaro que fala. E se ele contar a alguém o que fizemos?

Lark, o homem das Irmãs, soltou uma gargalhada.

— Paul Pequeno, cabeça-dura como a muralha de um castelo — caçou.

— Fica quieto — disse Paul Pequeno, num tom que denotava perigo.

— Paul — disse Chett antes que o grandalhão ficasse zangado demais —, quando encontrarem o velho numa poça de sangue, com a garganta aberta, não vão precisar de um pássaro para lhes dizer que alguém o matou.

Paul Pequeno saboreou aquilo por um momento.

— É verdade — concordou. — Nesse caso, posso ficar com o pássaro? Gosto dele.

— É seu — disse Chett, só para que ele se calasse.

— Sempre podemos comê-lo, se ficarmos com fome — sugeriu Lark.

Paul Pequeno voltou a fechar o tempo.

— É melhor que não tente comer *meu* pássaro, Lark. É melhor que não tente.

Chett ouvia vozes vagueando por entre as árvores.

— Fechem a porra dessas bocas, os dois. Estamos quase no Punho.

Emergiram perto da vertente ocidental do monte e o rodearam em direção ao sul, até o local onde o declive era mais suave. Perto do limite da floresta, uma dúzia de homens praticava tiro com arco. Tinham esculpido silhuetas nos troncos das árvores e disparavam flechas contra elas.

— Olha — disse Lark. — Um porco com um arco.

E, logicamente, o arqueiro mais próximo deles era o próprio sor Porquinho, o rapaz gordo que roubara o lugar de Chett junto ao mestre Aemon. Bastava ver Samwell Tarly para se encher de raiva. Ser intendente do mestre Aemon fora a melhor época de sua vida. O velho cego não era exigente e, de qualquer maneira, Clydas tratava da maior parte de seus desejos. Os deveres de Chett eram fáceis: manter o viveiro limpo, acender uns fogos, buscar umas refeições... e Aemon não bateu nele uma única vez. *Acha que pode chegar e me botar para fora, só porque é bem-nascido e sabe ler. Pode ser que lbe peça para ler a minha faca antes de abrir sua garganta com ela.*

— Continuem — disse aos outros. — Quero ver isso. — Os cães estavam puxando, ansiosos para ir com os outros, até a comida que pensavam que os esperaria lá em cima. Chett chutou a cadela com a ponta da bota, e isso os acalmou um pouco.

Observou, das árvores, o gordo lutando com um arco tão alto quanto ele, com seu rosto vermelho e em forma de lua contraído de concentração. No chão, à sua frente, estavam enfiadas três flechas. Tarly encaixou uma e retesou o arco, manteve-o assim por um longo momento enquanto tentava mirar, e soltou. A flecha desapareceu no meio do verde. Chett soltou uma ruidosa gargalhada, uma bufada de doce repugnância.

— Você nunca encontrará aquela, e quem vai arcar com a culpa sou eu — anunciou Edd Tollett, o severo escudeiro grisalho que todos chamavam de Edd Doloroso. — Nunca há nada que desapareça que não olhem para mim, desde aquela vez em que perdi meu cavalo. Como se tivesse podido evitar. Ele era branco e estava nevando, o que esperavam?

— Aquela foi levada pelo vento — disse Grenn, outro amigo de lord Snow. — Tente manter o arco firme, Sam.

— É pesado — queixou-se o gordo, mas preparou a segunda flecha mesmo assim. Dessa vez, ela saiu alta, metendo-se por entre os galhos, três metros acima do alvo.

— Acho que você derrubou uma folha daquela árvore — disse Edd Doloroso. — O outono já as faz cair suficientemente depressa, não é preciso ajudá-lo. — Suspirou. — E todos sabemos o que se segue ao outono. Deuses, que frio. Dispare a última flecha, Samwell, acho que minha língua está congelando no céu da boca.

Sor Porquinho abaixou o arco, e Chett achou que ele fosse desatar a berrar.

— É difícil demais.

— Encaixe, puxe e solte — disse Grenn. — Vá lá.

Obedientemente, o gordo arrancou a última flecha do chão, encaixou-a no arco, puxou e soltou. Fez isso rapidamente, sem focar os olhos de maneira cuidadosa ao longo da haste como fizera nas duas primeiras vezes. A flecha atingiu a parte inferior do peito da silhueta desenhada a carvão e ali ficou, tremendo.

— *Acertei.* — Sor Porquinho parecia chocado. — Grenn, você viu? Edd, olha, acertei nele!

— Enfiou-a entre as costelas dele, eu diria — falou Grenn.

— Eu o matei? — quis saber o gordo.

Tollett encolheu os ombros.

— Podia ter perfurado um pulmão, se ela tivesse pulmões. A maior parte das árvores não tem. — Tirou o arco da mão de Sam. — Mas já vi tiros piores. Sim, e já disparei alguns.

Sor Porquinho resplandecia. Ao olhar para ele, dava para se pensar que tinha realmente *feito* alguma coisa. Mas quando viu Chett e os cães, seu sorriso ruiu e morreu aos guinchos.

— Acertou numa árvore — disse Chett. — Vamos ver como é que dispara quando forem os moços de Mance Rayder. Eles não vão ficar parados com os braços esticados e as folhas restolhando, ah não. Vão vir direto em sua direção, gritando na sua cara, e eu aposto que vai mijar nas calças. Um deles vai enfiar um machado bem no meio desses olhinhos de porco. A última coisa que você vai ouvir será o *tunc* que o machado fará quando morder seu crânio.

O gordo estava tremendo. Edd Doloroso colocou uma mão no ombro dele.

— Irmão — disse ele solenemente —, só porque foi assim com você, não quer dizer que Samwell passará pelo mesmo.

— Do que você está falando, Tollett?

— Do machado que rachou seu crânio. É verdade que metade de seus miolos escorreu para o chão e foi comida pelos cães?

O grande palhaço do Grenn riu, e até Samwell Tarly conseguiu dar um frágil sorrisinho. Chett chutou o cão mais próximo, puxou suas trelas e começou a subir o monte. *Sorria quanto quisier, sor Porquinho. À noite veremos quem vai rir.* Só gostaria de ter tempo de também matar Tollett. *Um babaca sombrio com cara de cavalo é o que ele é.*

A subida era íngreme, mesmo daquele lado do Punho, que tinha a inclinação menos pronunciada. No meio do caminho, os cães começaram a latir e a puxá-lo, julgando que iriam ser alimentados em breve. Em vez disso, fez com que saboreassem um pouco de sua bota, e deu uma chicotada no animal grande e feio que tentou mordê-lo. Depois de amarrear os cães, foi fazer o relatório.

— As pegadas estavam lá como o Gigante tinha dito, mas os cães não encontraram o cheiro — disse a Mormont, diante de sua grande tenda preta. — Junto ao rio, daquela maneira, podiam ser pegadas antigas.

— Pena. — O Senhor Comandante Mormont tinha a cabeça calva e uma grande e hirsuta barba grisalha, e soava tão cansado quanto parecia estar. — Estaríamos todos melhores com um pouco de carne fresca. — O corvo em seu ombro inclinou a cabeça e ecoou: “*Carne. Carne. Carne.*”

Podíamos cozinhar os malditos cães, pensou Chett, mas manteve a boca fechada até que o

Velho Urso o mandasse embora. *E esta é a última vez que vou precisar inclinar a cabeça a esse aí*, pensou consigo mesmo, com satisfação. Parecia-lhe que estava ficando ainda mais frio, coisa que teria jurado não ser possível. Os cães aninhavam-se uns contra os outros, com um ar infeliz, sobre a lama dura e congelada, e Chett quase se sentiu tentado a engatinhar para o meio deles. Em vez disso, envolveu a parte de baixo do rosto em um cachecol de lã preto, deixando entre as voltas uma fenda para a boca. Descobriu que ficava mais quente se continuasse em movimento, e deu uma lenta volta no perímetro, compartilhando um par de mastigadas de um maço de folhamarga com os irmãos de negro que estavam de guarda e ouvindo o que eles tinham a dizer. Nenhum dos homens do turno do dia fazia parte de seus planos; mesmo assim, achou que era bom ter alguma ideia do que eles pensavam.

Na maior parte, o que eles pensavam era que fazia um frio de lascar.

O vento começou a soprar com mais força à medida que as sombras foram se alongando. Produzia um som alto e agudo, enquanto tremia através das pedras da muralha anelar.

— Detesto esse som — disse o pequeno Gigante. — Parece um bebê na moita, chorando por leite.

Quando terminou a volta e regressou para junto dos cães, encontrou Lark à sua espera.

— Os oficiais estão outra vez na tenda do Velho Urso, numa grande discussão sobre qualquer coisa.

— É o que eles fazem — disse Chett. — São bem-nascidos, todos menos Blane, e embebedam-se com palavras em vez de vinho.

Lark aproximou-se de esguelha.

— O cérebro-de-queijo não para de falar do pássaro — preveniu, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. — Agora anda perguntando se guardamos grãos para o maldito bicho.

— É um corvo — disse Chett. — Come cadáveres.

Lark deu um sorriso.

— O dele, de repente?

Ou o seu. Chett achava que precisavam mais do grandalhão do que de Lark.

— Deixa o Paul Pequeno quieto. Faça a sua parte, ele vai fazer a dele.

O ocaso já se espalhava pela floresta quando Chett conseguiu se livrar do homem das Irmãs e se sentou para afiar a espada. Era um trabalho difícil com as luvas calçadas, mas não ia tirá-las. Com o frio que fazia, qualquer imbecil que tocasse o aço com a mão nua perderia um pedaço de pele.

Os cães ganiram quando o sol se escondeu. Deu-lhes água e xingamentos.

— Mais meia noite e podem encontrar sozinhos o banquete de vocês. — A essa altura, já sentia o cheiro do jantar.

Dywen estava pregando tediosamente junto à fogueira, quando Chett recebeu seu pedaço de pão duro e uma tigela de sopa de feijão e bacon das mãos de Hake, o cozinheiro.

— A floresta está silenciosa demais — estava dizendo o velho lenhador. — Nada de rãs perto do rio, nada de corujas no escuro. Nunca ouvi extensão de árvores mais morta do que esta.

— Esses seus dentes parecem bastante mortos — disse Hake.

Dywen estalou os dentes de madeira.

— E também nada de lobos. Antes havia, mas já não há. Para onde vocês acham que eles foram?

— Para algum lugar quente — disse Chett.

Da dúzia de irmãos sentados junto à fogueira, quatro eram seus. Dirigiu a todos eles um olhar duro de viés enquanto comia, para ver se algum mostrava sinais de poder acovardar-se. Adaga parecia bastante calmo, sentado em silêncio e afiando a lâmina de sua arma, como fazia todas as noites. E Doce Donnel Hill era todo gracejos fáceis. Tinha dentes brancos, gordos lábios vermelhos e madeixas amarelas, que usava em artística desordem em volta dos ombros, e dizia ser bastardo de um Lannister qualquer. Talvez até fosse. Chett não tinha uso nenhum para dar a rapazinhos bonitos ou bastardos, mas Doce Donnel parecia capaz de se aguentar.

Tinha menos certezas quanto ao lenhador que os irmãos chamavam de Serrote, mais pelo modo como roncava do que por qualquer coisa que tivesse a ver com árvores. Naquele momento, parecia tão inquieto que podia bem não voltar a roncar. E Maslyn era pior. Chett via suor escorrendo por seu rosto, apesar do vento gelado. As pérolas de umidade cintilavam à luz da fogueira, como uma porção de pequenas joias molhadas. Maslyn, além disso, não comia, estava apenas fitando a sopa como se seu cheiro estivesse a ponto de fazê-lo vomitar. *Vou ter de vigiar aquele*, pensou Chett.

— Reunir! — O grito surgiu de súbito, vindo de uma dúzia de gargantas, e rapidamente se espalhou até todos os recantos do acampamento no alto do monte. — Homens da Patrulha da Noite! Reunir junto da fogueira central!

Franzindo o cenho, Chett terminou a sopa e seguiu os outros.

O Velho Urso estava de pé junto da fogueira, com Smallwood, Locke, Wythers e Blane alinhados em fila atrás dele. Mormont usava um manto de espessas peles negras, e o corvo estava empoleirado em seu ombro, alisando suas penas negras. *Isso não pode ser bom*. Chett enfiou-se entre o Bernarr Castanho e alguns homens da Torre Sombria. Depois de todos se reunirem, à exceção dos vigias na floresta e dos guardas na muralha anelar, Mormont pigarreou e escarrou. O cuspe congelou antes de chegar ao chão.

— Irmãos — disse ele —, homens da Patrulha da Noite.

“Homens!” guinchou o corvo, “Homens! Homens!” Ele prosseguiu:

— Os selvagens estão em marcha, seguindo o curso do Guadeleite para fora das montanhas. Thoren crê que sua vanguarda estará aqui dentro de dez dias. Seus salteadores mais experientes estarão com Harma Cabeça de Cão nessa vanguarda. Os outros provavelmente formarão uma tropa de retaguarda, ou então viajarão bem perto do próprio Mance Rayder. Nos outros pontos, os guerreiros deles estarão muito espalhados ao longo da linha de marcha. Têm bois, mulas, cavalos, mas poucos. A maior parte deles estará a pé, mal armada e sem treino. É mais provável que as armas que transportam sejam de pedra e osso do que de aço. Estão sobrecarregados com mulheres, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, e todos os seus bens materiais. Em suma, embora sejam numerosos, são vulneráveis... e *não sabem que estamos aqui*. Ou pelo menos temos que rezar para que não saibam.

Eles sabem, pensou Chett. *Seu maldito saco velho de pus, eles sabem, é tão certo como o nascer do sol. Qhorin Meia-Mão não voltou, não é? Nem Jarman Buckwell. Se algum deles foi apanhado, sabe bem demais que os selvagens já arrancaram deles uma ou duas palavras a essa altura.*

Smallwood deu um passo à frente.

— Mance Rayder planeja quebrar a Muralha e levar uma guerra sangrenta aos Sete Reinos. Bem, esse é um jogo que pode ser jogado por dois. De manhã, levamos a guerra até ele.

— Partimos à alvorada, com todas as nossas forças — disse o Velho Urso, enquanto um murmúrio percorria a assembleia. — Avançaremos para o norte, contornando depois

pelo oeste. A vanguarda de Harma já terá passado há muito pelo Punho quando virarmos. O sopé das Presas de Gelo está repleto de vales estreitos e sinuosos, perfeitos para emboscadas. A linha de marcha deles vai se estender ao longo de muitos quilômetros. Vamos cair sobre eles em vários locais ao mesmo tempo e obrigá-los a jurar que somos três mil homens, e não trezentos.

— Atacaremos com força, e estaremos longe antes que seus cavaleiros consigam se organizar para nos enfrentar — disse Thoren Smallwood. — Se vierem em nosso encalço, vamos lhes dar o que fazer durante algum tempo, e depois daremos meia-volta para atacar a coluna novamente, mais abaixo. Queimaremos suas carroças, dispersaremos seus rebanhos e mataremos tantos selvagens quantos pudermos. O próprio Mance Rayder também, se o encontrarmos. Se se dispersarem e voltarem às suas cabanas, ganhamos. Se não, vamos atormentá-los ao longo de todo o caminho até a Muralha, nos certificando de que deixem um rastro de cadáveres marcando seu progresso.

— *Eles são milhares* — gritou alguém atrás de Chett.

— *Vamos morrer*. — Era a voz de Maslyn, verde de medo.

“*Morrer*”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas negras. “*Morrer, morrer, morrer.*”

— Muitos de nós, sim — disse o Velho Urso. — Talvez todos. Mas, assim como outro Senhor Comandante disse há mil anos, é por isso que nos vestem de preto. Lembrem-se de suas palavras, irmãos. Pois somos as espadas na escuridão, os vigilantes nas muralhas...

— O fogo que arde contra o frio. — Sor Mallador Locke puxou a espada.

— A luz que traz consigo a alvorada — responderam outros, e mais espadas foram desembainhadas.

E então todos eles estavam pegando as armas, e eram quase trezentas espadas erguidas para o céu e outras tantas vozes gritando: “*A trombeta que acorda os que dormem! O escudo que defende os reinos dos homens!*”. Chett não teve outra escolha a não ser juntar sua voz à dos outros. Havia uma neblina no ar, proveniente da respiração dos homens, e a luz da fogueira rebrilhava no aço. Sentiu-se contente por ver que Lark, Pé-Leve e Doce Donnel Hill também se juntavam, como se fossem tão tolos quanto os demais. Isso era bom. Não era sensato chamar a atenção quando a hora estava tão próxima.

Quando os gritos silenciaram, voltou a ouvir o som do vento cutucando a muralha anelar. As chamas rodopiaram e estremeceram, como se também elas tivessem frio e, no súbito silêncio, o corvo do Velho Urso crocitou sonoramente e mais uma vez disse: “*Morrer*”.

Pássaro esperto, pensou Chett enquanto os oficiais ordenavam o dispersar, dizendo a todos para fazerem uma boa refeição e terem um longo descanso naquela noite. Chett enfiou-se em suas peles perto dos cães, com a cabeça cheia de coisas que podiam dar errado. E se aquele maldito juramento tivesse feito um dos seus mudar de ideia? E se Paul Pequeno se esquecesse e tentasse matar Mormont durante o segundo turno e não no terceiro? E se Maslyn perdesse a coragem, e se alguém se transformasse em informante, e se...

Deu por si escutando a noite. O vento realmente soava como uma criança chorando, e de tempos em tempos conseguia ouvir vozes de homens, o relincho de um cavalo, um pedaço de lenha crepitando na fogueira. Mas nada mais. *Tanto silêncio.*

Consequia ver o rosto de Bessa flutuando à sua frente. *Não era a faca que eu queria enfiar em você*, desejou lhe dizer. *Colbi flores para lhe dar, rosas silvestres, tanásias e copodouros, levei toda a manhã.* Seu coração batia como um tambor, com tanta força que temeu que o barulho acordasse o acampamento. O gelo havia se solidificado em sua barba, ao redor da boca. *De onde veio isso da Bessa?* Antes, sempre que pensara nela fora apenas para se lem-

brar da expressão de seu rosto enquanto morria. O que se passava consigo? Quase não conseguia respirar. Teria adormecido? Ficou de joelhos, e algo úmido e frio tocou seu nariz. Chett olhou para cima.

Nevava.

Sentiu as lágrimas congelando em seu rosto. *Não é justo*, quis gritar. A neve arruinaria tudo aquilo por que trabalhara, todos os seus cuidadosos planos. Era uma nevasca forte, com grandes flocos brancos que caíam por todos os lados. Como encontrariam os esconderijos de comida no meio da neve, ou a trilha que planejavam seguir para leste? *E eles também não vão precisar nem de Dywen nem de Bannen para nos caçar, se nos perseguirem em neve fresca*. E a neve escondia a forma do terreno, especialmente durante a noite. Um cavalo podia tropeçar numa raiz, quebrar uma pata numa pedra. *Estamos fritos*, compreendeu. *Fritos antes de começar. Estamos perdidos*. Não haveria vida de lorde para o filho do caçador de sanguessugas, não haveria uma fortaleza para chamar de sua, nem esposas, nem coroas. Só uma espada de selvagem espetada na barriga, e depois uma sepultura não assinalada. *A neve roubou tudo de mim... a maldita neve...*

A neve já o arruinara uma vez. A neve e o seu porco de estimação.

Chett ficou de pé. Suas pernas estavam rígidas, e os flocos de neve que caíam transformavam as tochas distantes em vagos clarões cor de laranja. Sentiu-se como se estivesse sendo atacado por uma nuvem de pálidos bichos frios. Assentavam-se em seus ombros e em sua cabeça, e depois penetravam em seu nariz e em seus olhos. Praguejando, esfregou-os. *Samwell Tarly*, recordou. *Ainda posso tratar do sor Porquinbo*. Enrolou o rosto no cachecol, puxou o capuz por sobre a cabeça e começou a atravessar o acampamento até o local onde o covarde dormia.

A neve caía tão intensamente que Chett se perdeu entre as tendas, mas, por fim, distinguiu o pequeno quebra-vento aconchegado que o gordo construía para si entre um rochedo e as gaiolas dos corvos. Tarly encontrava-se enterrado sob um monte de peles hirsutas e cobertores negros de lã. A neve estava entrando no abrigo e começava a cobri-lo. Parecia uma espécie de montanha mole e redonda. Aço sussurrou em couro, tênue como a esperança, quando Chett desembainhou o punhal. Um dos corvos soltou um *croc*. “Snow”, resmungou outro, espreitando através das barras com olhos negros. O primeiro acrescentou um “Snow” ao do parceiro. Chett passou por eles, colocando os pés no chão com cautela. Apertaria a boca do gordo com a mão esquerda para abafar seus gritos, e depois...

Uuuuuuuuuuuooooooooooooo.

Parou no meio de um passo, engolindo a praga enquanto o som do berrante estremecia pelo acampamento, tênue e longínquo, mas inconfundível. *Agora não. Malditos sejam os deuses, agora NÃO!* O Velho Urso tinha escondido olhos-longos num círculo de árvores em torno do Punho, a fim de ser avisado de qualquer coisa que se aproximasse. *Jarman Buckwell voltou da Escada do Gigante*, supôs Chett, *ou Qborin Meia-Mão, do Passo dos Guinchos*. Um único sopro no berrante significava irmãos retornando. Se fosse o Meia-Mão, Jon Snow poderia estar com ele, vivo.

Sam Tarly sentou-se, de olhos inchados, e olhou confuso para a neve. Os corvos crocitavam ruidosamente, e Chett ouvia seus cães latindo. *Metade do maldito acampamento está acordado*. Seus dedos enluvados apertaram o cabo do punhal enquanto esperava que o som se desvanecesse. Mas assim que desapareceu, surgiu de novo, com mais força e por mais tempo.

Uuuuuuuuuuuuuoooooooooooooooooooo.

— Deuses — ouviu Sam Tarly choramingar. O gordo ajoelhou-se, com os pés enre-

J A I M E

UM VENTO VINDO DO LESTE SOPROU através de seus cabelos emaranhados, tão suave e perfumado quanto os dedos de Cersei. Ouvia aves cantando e sentia o rio deslocando-se debaixo do barco, à medida que os movimentos dos remos os aproximavam da pálida alvorada cor-de-rosa. Depois de passar tanto tempo na escuridão, o mundo era tão encantador que Jaime Lannister se sentia tonto. *Estou vivo, e bêbado de sol.* Uma gargalhada atravessou seus lábios, súbita como uma codorna espantada do esconderijo.

— Silêncio — resmungou a moça, carregando o cenho. Carrancas adequavam-se mais ao seu rosto grosseiro do que um sorriso. Não que Jaime a tivesse visto sorrir alguma vez. Divertia-se imaginando-a com um dos vestidos de seda de Cersei em vez do justilho de couro com tachas que envergava. *Tanto faz vestir de seda uma vaca ou essa aí.*

Mas a vaca remava bem. Por baixo de seus calções de tecido grosseiro e marrom havia pernas que eram como cordões de madeira, e os longos músculos de seus braços estendiam-se e contraíam-se a cada batida dos remos. Mesmo depois de remar metade da noite, não mostrava sinais de cansaço, o que era mais do que se podia dizer do primo de Jaime, sor Cleos, que sofria com o outro remo. *Uma grande e forte camponesa, pelo aspecto, mas fala como alguém bem-nascido e usa espada e punhal. Ah, mas será que sabe usá-los?* Jaime pretendia descobrir, assim que se livrasse daqueles grilhões.

Usava algemas de ferro nos pulsos e um par correspondente nos tornozelos, unidos por um pedaço de pesada corrente que não tinha mais de trinta centímetros de comprimento.

— Seria possível até imaginar que a minha palavra de Lannister não é suficientemente boa — gracejara quando o tinham atado. Naquele momento estava muito bêbado, graças a Catelyn Stark. Recordava-se apenas de fragmentos da fuga de Correrrio. Acontecera um problema qualquer com o carcereiro, mas a garota grande o dominara.

Depois disso tinham subido uma escadaria que parecia não ter fim, com voltas e mais voltas. Suas pernas estavam fracas como relva, e tropeçara duas ou três vezes, até a moça lhe oferecer um braço em que se apoiar. Em certo ponto, tinha sido enrolado em um manto de viagem e havia sido atirado para o fundo de um esquife. Lembrava-se de ouvir a voz de lady Catelyn ordenando a alguém que erguesse a porta levadiça do Portão da Água. Num tom que não admitia discussões, tinha declarado que estava enviando sor Cleos Frey de volta a Porto Real com novas condições para a rainha.

Nessa altura, deve ter adormecido. O vinho lhe dera sono, e era tão bom se esticar, um luxo que as correntes não lhe permitiam na cela. Jaime tinha aprendido havia muito a dormir na sela durante uma marcha. Aquilo não era mais difícil. *Tyrion vai morrer de rir quando souber como dormi durante a minha própria fuga.* Mas agora estava acordado, e as algemas eram penosas.

— Milady — chamou —, se tirasse essas correntes de mim, eu tomaria seu lugar nesses remos.

Ela voltou a franzir as sobrancelhas, com uma expressão que era toda dentes de cavalo e suspeita carrancuda.

— Vai usar suas correntes, Regicida.

— Pretende remar até Porto Real, garota?

— Chame-me de Brienne. E não de *garota*.

— Meu nome é sor Jaime. Não Regicida.

— Nega que matou um rei?

— Não. Nega seu sexo? Se assim for, desate essas calças e me mostre. — Dirigiu-lhe um sorriso inocente. — Poderia pedir que abrisse seu corpete, mas, olhando para você, julgo que isso não provaria grande coisa.

Sor Cleos queixou-se.

— Primo, lembre-se da boa educação.

O sangue Lannister é fino nas veias deste. Cleos era filho de sua tia Genna e daquele cretino do Emmon Frey, que vivera aterrorizado por lorde Tywin Lannister desde o dia em que se casara com a irmã dele. Quando lorde Walder Frey trouxe as Gêmeas para a guerra do lado de Correrrio, sor Emmon escolheu as ligações da mulher em detrimento das do pai. *O Rochedo Casterly ficou com o pior desse negócio*, refletiu Jaime. Sor Cleos parecia uma doninha, lutava como um ganso e tinha a coragem de uma ovelha particularmente ousada. Lady Stark lhe prometera a liberdade se entregasse sua mensagem a Tyrion, e sor Cleos jurara solenemente fazê-lo.

Tinham todos prestado uma boa dose de juramentos naquela cela, principalmente Jaime. Foi o preço que lady Catelyn exigiu por perdê-lo. Ela encostara a ponta da espada da garota grande no coração de Jaime e disse:

— Jure que não voltará a pegar em armas contra Stark ou Tully. Jure que forçará seu irmão a honrar sua promessa de devolver as minhas filhas em segurança e incólumes. Jure por sua honra como cavaleiro, por sua honra como Lannister, por sua honra como Irmão Juramentado da Guarda Real. Jure pela vida de sua irmã, e pela de seu pai e de seu filho, pelos deuses antigos e novos, e eu vou enviá-lo de volta à sua irmã. Recuse, e farei seu sangue correr. — Lembrava-se do aço lhe espetando através dos farrapos que usava quando ela torcera a ponta da espada.

Pergunto a mim mesmo o que o alto septão terá a dizer em relação à santidade de juramentos prestados quando se está caindo de bêbado, acorrentado a uma parede e com uma espada encostada ao peito. Não que Jaime estivesse realmente preocupado com essa gorda fraude ou com os deuses que ele dizia servir. Lembrava-se do balde que lady Catelyn derrubara com um pontapé na cela. Uma mulher estranha, para confiar as filhas a um homem que tinha merda no lugar da honra. Se bem que estivesse confiando nele o mínimo que se atrevia. *Está depositando as suas esperanças em Tyrion, não em mim.*

— Talvez ela não seja assim tão burra, afinal — disse em voz alta.

Sua captora compreendeu-o mal.

— Não sou burra. Nem surda.

Mostrou-se gentil para com ela. Caçoar daquela mulher seria tão fácil que não traria qualquer divertimento.

— Estava falando comigo, não contigo. É um hábito fácil de se adquirir numa cela.

Ela olhou-o com a testa franzida, empurrando os remos para a frente, puxando-os para trás, empurrando-os para a frente, sem nada dizer.

Tão fluente de língua como é bela de rosto.

— Por sua maneira de falar, julgaria que você é de nascimento nobre.

— Meu pai é Selwyn de Tarth, pela graça dos deuses, Senhor do Entardecer. — Até aquilo foi dito de má vontade.

— Tarth — disse Jaime. — Um rochedo horrivelmente grande no mar estreito, se bem me lembro. E o Entardecer está juramentado a Ponta Tempestade. Como é que você serve Robb de Winterfell?

— Quem eu sirvo é lady Catelyn. E ela ordenou-me que o entregasse a salvo ao seu irmão Tyrion em Porto Real, não que trocasse palavras com você. Fique em silêncio.

— Já tive minha dose de silêncio, mulher.

— Então fale com sor Cleos. Não converso com monstros.

Jaime soltou um grito.

— Há monstros por aqui? Escondidos debaixo da água, talvez? Naquele bosque de salgueiros? E eu sem a minha espada!

— Um homem capaz de estuprar a própria irmã, matar seu rei e atirar uma criança inocente para a morte não merece outro nome.

Inocente? O maldito rapaz estava nos espionando. Tudo que Jaime quisera fora uma hora a sós com Cersei. A viagem para o Norte tinha sido um longo tormento; vê-la todos os dias, sem ter a possibilidade de tocá-la, sabendo que Robert entrava em sua cama, todas as noites, aos tropeções de bêbado, naquela grande casa rolante que rangia por todos os lados. Tyrion fizera o que pôde para mantê-lo de bom humor, mas não tinha sido o bastante.

— Será cortês no que toca a Cersei, mulher — avisou-a.

— Meu nome é Brienne, não *mulher*.

— Que te importa como um monstro a chama?

— Meu nome é Brienne — repetiu, obstinada como um cão de caça.

— Lady Brienne? — Ela fez uma expressão tão desconfortável que Jaime pressentiu um ponto fraco. — Ou seria *sor* Brienne mais a seu gosto? — Soltou uma gargalhada. — Não, temo que não. Pode-se adornar uma vaca leiteira com rabicho, crinete e testeira e enfeitá-la toda de seda, mas isso não significa que se possa montá-la em batalha.

— Primo Jaime, por favor, você não devia falar tão rudemente. — Sob o manto, sor Cleos usava uma capa esquadrelada com as torres gêmeas da Casa Frey e o leão dourado dos Lannister. — Temos um longo caminho a percorrer, não devíamos disputar entre nós.

— Quando disputo, faço-o com uma espada, primo. Estava falando com a senhora. Diga-me, moça, as mulheres de Tarth são todas tão rústicas como você? Se assim for, sinto pena dos homens. Talvez não conheçam o aspecto de verdadeiras mulheres, vivendo numa montanha desolada no mar.

— Tarth é bela — resmungou a mulher entre remadas. — É chamada de Ilha Safira. Fique calado, monstro, a menos que queira que o amordace.

— Ela também é rude, não é, primo? — perguntou Jaime a sor Cleos. — Se bem que tenha aço na espinha, admito. Não há muitos homens que se atrevam a me chamar de monstro na minha cara. — *Apesar de por trás de minhas costas falarem com bastante liberdade, não duvido.*

Sor Cleos tossiu nervosamente.

— Lady Brienne ouviu tais mentiras de Catelyn Stark, certamente. Os Stark não têm esperança de derrotá-lo com espadas, sor, portanto, agora fazem a guerra com palavras envenenadas.

Eles derrotaram-me com espadas, seu cretino sem queixo. Jaime deu um sorriso sabedor. Os homens podem ler todo tipo de coisas de um sorriso sabedor, basta terem a oportunidade. *Terá o primo Cleos realmente engolido esse monte de bosta ou estará tentando cair nas minhas graças? O que temos aqui, um cabeça-oca honesto ou um bajulador?*

Sor Cleos continuou a tagarelar casualmente.

— Qualquer homem que acredite que um Irmão Juramentado da Guarda Real seria capaz de fazer mal a uma criança não conhece o significado da honra.

Bajulador. Para falar a verdade, Jaime acabara por se lamentar de ter atirado Brandon

Stark daquela janela. Depois daquilo, quando o rapaz se recusou a morrer, Cersei lhe deu um sem-fim de recriminações.

— Ele tinha *sete anos*, Jaime — repreendera-o. — Mesmo se tivesse compreendido o que vira, teríamos sido capazes de assustá-lo o suficiente para que ficasse quieto.

— Não pensei que quisesse...

— Você *nunca* pensa. Se o garoto acordar e contar ao pai o que viu...

— Se, se, se. — Puxara-a para seu colo. — Se acordar, diremos que estava sonhando, vamos chamá-lo de mentiroso, e se o pior acontecer, mato Ned Stark.

— E nessa altura, o que imagina que *Robert* fará?

— Robert que faça o que bem entender. Faça guerra com ele, se tiver de ser. Os cantores vão chamá-la de Guerra pela Boceta de Cersei.

— Jaime, largue-me! — Tinha se enraivecido, lutando para se levantar.

Em vez disso, ele a beijou. Por um momento, ela resistiu, mas então sua boca se abriu sob a dele. Lembrava-se do sabor de vinho e cravo de sua língua. Ela estremeceu. Ele levou a mão ao corpete dela e puxou, rasgando a seda para que os seios se derramassem, livres, e durante algum tempo o rapaz Stark foi esquecido.

Será que Cersei teria lembrado dele mais tarde e contratado aquele homem de que lady Catelyn falara, para se assegurar de que o rapaz nunca acordasse? *Se o quisesse morto, teria me enviado. E não é próprio dela escolher um homem que metesse os pés pelas mãos daquela maneira.*

A jusante do rio, o sol nascente cintilava na superfície da água, varrida pelo vento. A margem sul era de barro vermelho, lisa como uma estrada. Rios menores alimentavam o maior, e os troncos em putrefação de árvores afogadas aderiam às margens. A margem norte era mais selvagem. Grandes escarpas rochosas elevavam-se seis metros acima deles, coroadas por grupos de faias, carvalhos e castanheiros. Jaime vislumbrou uma torre de vigia nas elevações, mais à frente, que aumentava de tamanho a cada remada. Muito antes de passarem por ela, soube que se encontrava abandonada, com as pedras desgastadas cobertas por rosas trepadeiras.

Quando o vento mudou, sor Cleos ajudou a garota grande a içar a vela, um triângulo teso de lona com listras vermelhas e azuis. Cores Tully, que lhes causariam problemas na certa se encontrassem alguma força Lannister no rio, mas era a única vela que possuíam. Brienne pegou a cana do leme. Jaime atirou à água a bolina de bordo, e suas correntes chocalharam quando se moveu. Depois disso, a velocidade aumentou, e a fuga passou a ser favorecida tanto pelo vento como pela corrente do rio.

— Poderíamos poupar algum tempo se me entregasse ao meu pai e não ao meu irmão — apontou.

— As filhas de lady Catelyn estão em Porto Real. E ou volto com as meninas ou não volto.

Jaime virou-se para sor Cleos.

— Primo, empreste-me sua faca.

— Não. — A mulher ficou tensa. — Não o quero armado. — A voz era inflexível como pedra.

Ela tem medo de mim, mesmo acorrentado.

— Cleos, parece que terei de pedir que você raspe meu cabelo. Deixe a barba, mas tire o cabelo da minha cabeça.

— Quer raspar o cabelo por completo? — perguntou Cleos Frey.

— O reino conhece Jaime Lannister como um cavaleiro sem barba e com longos ca-

belos dourados. Um careca com uma barba amarela e imunda pode passar despercebido. Prefiro não ser reconhecido enquanto estiver acorrentado.

O punhal não estava tão afiado como seria desejável. Cleos cortou os cabelos do primo virilmente, abrindo caminho pelos nós e atirando-os na água. Os caramujos dourados flutuaram na superfície, ficando gradualmente para trás. Enquanto os cabelos iam desaparecendo, um piolho arrastou-se descendo por seu pescoço. Jaime apanhou-o e esmagou-o na unha. Sor Cleos tirou outros do couro cabeludo do primo e os atirou na água. Jaime mergulhou a cabeça no rio e obrigou sor Cleos a amolar a lâmina antes de deixá-lo raspar os últimos centímetros de penugem amarela. Quando terminaram essa parte, apararam-lhe também a barba.

O reflexo na água era de um homem que não conhecia. Não só era calvo, também parecia que tinha envelhecido cinco anos naquela masmorra; seu rosto estava mais magro, com covas debaixo dos olhos e rugas de que não se lembrava. *Assim não me pareço muito com o jeito que Cersei gosta. Ela vai detestar isso.*

Por volta do meio-dia, sor Cleos adormeceu. Seus roncos pareciam patos acasalando. Jaime esticou-se para ver o mundo passando; depois da cela escura, cada rochedo e árvore era uma maravilha.

Algumas choupanas de um só cômodo surgiram e desapareceram, empoleiradas em estacas altas que as faziam se assemelhar a gruas. Das pessoas que lá viviam não viram nem sinal. Aves voavam no alto, ou soltavam gritos das árvores que cresciam nas margens, e Jaime vislumbrou peixes prateados cortando a água. *Truta Tully, aí está um mau presságio*, pensou, até ver outro pior — um dos troncos flutuantes por que passaram revelou ser um homem morto, sem sangue e inchado. Seu manto estava emaranhado nas raízes de uma árvore caída, e a cor era inconfundível: o carmesim dos Lannister. Perguntou a si mesmo se o cadáver era de algum conhecido seu.

Os ramos do Tridente eram a forma mais simples de transportar bens e homens pelas terras fluviais. Em tempos de paz, teriam encontrado pescadores em seus esquifes, barcas de cereais sendo conduzidas corrente abaixo por varas, mercadores que vendiam agulhas e rolos de tecido em lojas flutuantes, talvez até um barco de pantomimeiros alegremente pintado, com velas feitas de remendos de meia centena de cores, subindo o rio de aldeia em aldeia e de castelo em castelo.

Mas a guerra havia cobrado seu preço. Passaram por aldeias, mas não viram aldeões. Uma rede vazia, cortada, rasgada e pendurada em árvores era o único sinal de pescadores. Uma jovem que dava de beber ao cavalo afastou-se assim que vislumbrou a vela deles. Mais tarde, passaram por uma dúzia de camponeses que escavavam à sombra do esqueleto de uma torre queimada. Os homens olharam para eles com olhos mortiços e regressaram ao trabalho assim que decidiram que o esquife não constituía ameaça.

O Ramo Vermelho era largo e lento, um rio sinuoso de voltas e curvas, salpicado de minúsculas ilhotas arborizadas e frequentemente atravancado por bancos de areia e obstáculos submersos que espreitavam logo abaixo da superfície da água. Mas Brienne parecia ter olho bom para os perigos, e sempre encontrava o canal. Quando Jaime a elogiou por seu conhecimento do rio, ela o olhou com suspeita e disse:

— Não conheço o rio. Tarth é uma ilha. Aprendi a manejar remos e velas antes de subir em um cavalo.

Sor Cleos sentou-se e esfregou os olhos.

— Deuses, meus braços estão doloridos. Espero que o vento dure. — Farejou-o — Sinto cheiro de chuva.

Jaime acolheria com agrado uma boa chuvarada. As masmorras de Correrrio não eram o lugar mais limpo dos Sete Reinos. Agora devia estar cheirando como um queijo curado demais.

Cleos semicerrou os olhos para a jusante.

— Fumaça.

Um fino dedo cinzento chamava-os, mais adiante. Erguia-se da margem sul, a vários quilômetros de distância, retorcendo-se e enrolando-se. Por baixo, Jaime distinguiu os restos fumegantes de um grande edifício, e um carvalho perenifólio cheio de mulheres mortas.

Os corvos mal tinham começado a atacar os cadáveres. As cordas finas abriam sulcos profundos na pele suave de suas gargantas, e quando o vento soprava, elas viravam e oscilavam.

— Isso não foi cavalheiresco — disse Brienne quando se aproximaram o suficiente para ver com clareza. — Nenhum cavaleiro de verdade toleraria uma carnificina tão injustificada.

— Os verdadeiros cavaleiros veem coisas piores sempre que partem para a guerra, garota — disse Jaime. — E, sim, *fazem* coisas piores.

Brienne virou o leme para a margem.

— Não deixarei inocentes como comida para corvos.

— Uma garota sem coração. Os corvos também precisam comer. Fique no rio e deixe os mortos em paz, mulher.

Atracaram antes do local onde o grande carvalho se inclinava sobre a água. Enquanto Brienne baixava a vela, Jaime pulou para fora do barco, desajeitado devido às correntes. O Ramo Vermelho encheu suas botas e empapou seus calções esfarrapados. Rindo, ajoelhou-se, mergulhou a cabeça na água e ergueu-se, ensopado e pingando. Tinha as mãos cheias de sujeira seca, e depois de esfregá-las na corrente, pareceram-lhe mais magras e mais pálidas do que se lembrava. Sentiu também as pernas tesas e pouco firmes quando apoiou nelas seu peso. *Passsei tempo demais na maldita masmorra de Hoster Tully.*

Brienne e Cleos arrastaram o esquife para a margem. Os cadáveres pendiam sobre suas cabeças, amadurecendo na morte como frutos fétidos.

— Um de nós terá de cortar aquelas cordas — disse a mulher.

— Eu subo. — Jaime moveu-se para a terra, tilintando. — Basta que tire estas correntes de mim.

A garota estava fitando uma das mortas. Jaime aproximou-se com seus pequenos e hesitantes passinhos, a única forma que a corrente permitia. Quando viu a tosca tabuleta pendurada no pescoço do cadáver mais alto, sorriu.

— *Deitaram-se com Leões* — leu. — Oh, sim, mulher, isso foi muito *pouco cavalheiresco...* mas, foi feito pelo seu lado, e não pelo meu. Pergunto-me quem seriam estas mulheres.

— Garotas de taverna — disse sor Cleos Frey. — Isto era uma estalagem, recordo agora. Alguns homens de minha escolta passaram a noite aqui quando voltamos a Correrrio. — Nada restava do edifício além das fundações de pedra e de um emaranhado de vigas caídas e negras de carvão. Ainda saía fumaça das cinzas.

Jaime deixava os bordéis e as prostitutas para o irmão Tyrion. Cersei era a única mulher que tinha desejado na vida.

— As garotas deram prazer a alguns dos soldados do senhor meu pai, ao que parece. Talvez tenham servido comida e bebida a eles. Foi assim que ganharam seus colares de traidoras, com um beijo e um copo de cerveja. — Olhou de relance para os dois lados do

rio, a fim de se certificar de que estavam sós. — Isto é terra Bracken. Lorde Jonos pode ter ordenado a morte delas. Meu pai queimou o castelo dele, receio que não goste de nós.

— Pode ser obra de Marq Piper — disse sor Cleos. — Ou do fogaréu dos bosques, Beric Dondarrion, muito embora eu tenha ouvido dizer que ele só mata soldados. Talvez um bando de nortenhos de Roose Bolton?

— Bolton foi derrotado pelo meu pai no Ramo Verde.

— Derrotado, mas não destruído — disse sor Cleos. — Avançou para o Sul novamente quando lorde Tywin se pôs em marcha contra os vaus. Segundo se dizia em Correrrio, tomou Harrenhal de sor Amory Lorch.

Jaime não gostou nem um pouco daquilo.

— Brienne — disse, concedendo-lhe a cortesia do nome na esperança de fazer com que ela o escutasse —, se lorde Bolton detém Harrenhal, tanto o Tridente como a estrada do rei provavelmente estão sob vigia.

Pensou ter visto uma ponta de incerteza nos grandes olhos azuis da garota.

— Está sob a minha proteção. Teriam de me matar.

— Não me parece que eles teriam remorso disso.

— Sou tão boa lutadora quanto você — disse ela em tom defensivo. — Era uma das sete escolhidas do rei Renly. Com as próprias mãos prendeu o manto de seda listrada da Guarda Arco-Íris em minhas costas.

— A Guarda *Arco-Íris*? Era você e mais seis garotas, não? Um cantor certo dia disse que todas as donzelas são belas vestidas de seda... mas ele nunca a viu, não?

A mulher ficou vermelha.

— Temos sepulturas para cavar. — E escalou a árvore.

Os galhos mais baixos do carvalho eram suficientemente grandes para ela caminhar sobre eles, depois de ter subido o tronco. Deslocou-se por entre as folhas, de punhal na mão, cortando as cordas que suspendiam os cadáveres. Moscas esvoaçavam em torno dos corpos quando caíam, e o fedor foi piorando à medida que o trabalho avançava.

— Isso é trabalho demais para se ter só por causa de prostitutas — queixou-se sor Cleos. — Com o que devemos cavar? Não temos pás, e eu não usarei a espada, não...

Brienne soltou um grito. Saltou para o chão em vez de descer pelo tronco.

— Para o barco. Depressa. Uma vela.

Apressaram-se o mais que puderam, embora Jaime quase não conseguisse correr e tivesse de ser puxado para dentro do esquife pelo primo. Brienne empurrou o barco para a água com um remo e içou apressadamente a vela.

— Sor Cleos, vou precisar que reme também.

Ele fez o que Brienne lhe pediu. O esquife começou a cortar as águas um pouco mais depressa; corrente, vento e remos, todos trabalhavam a seu favor. Jaime ficou sentado, acorrentado, olhando atentamente para o sentido da nascente. Só o topo da outra vela estava visível. Devido ao modo como o Ramo Vermelho se contorcia, parecia encontrar-se do outro lado dos campos, movendo-se para o Norte por trás de um biombo de árvores, enquanto eles se deslocavam para o Sul, mas Jaime sabia que a aparência era enganosa. Levantou ambas as mãos para proteger os olhos do sol.

— Vermelho de lama e azul de água — anunciou.

A grande boca de Brienne movia-se sem som, dando-lhe o aspecto de uma vaca ruminando.

— Mais depressa, sor.

A estalagem desapareceu rapidamente atrás deles, e também perderam de vista o topo

da vela, mas isso não queria dizer nada. Assim que os perseguidores fizessem a curva, ficariam de novo visíveis.

— Creio que podemos ter a esperança de que os nobres Tully parem para enterrar as putas mortas. — A ideia de voltar à sua cela não entusiasmava Jaime. *Tyrion poderia pensar agora em qualquer coisa inteligente, mas tudo o que vem à minha cabeça é atacá-los com uma espada.*

Durante quase uma hora brincaram de esconde-esconde com os perseguidores, navegando pelas curvas do rio e por entre pequenas ilhas arborizadas. Justo no momento em que começavam a ganhar a esperança de que de algum modo tivessem deixado para trás aqueles que seguiam em seu encalço, eis que a vela distante se tornou de novo visível. Sor Cleos fez uma pausa nas remadas.

— Que os Outros os levem. — E limpou o suor da testa.

— *Reme!* — disse Brienne.

— Aquilo que vem atrás de nós é uma galé fluvial — anunciou Jaime depois de observá-la durante algum tempo. A cada remada, parecia crescer um pouco mais. — Nove remos de cada lado, o que significa dezoito homens. Mais, se tiverem embarcado soldados além dos remadores. E velas maiores do que as nossas. Não é possível fugir deles.

Sor Cleos congelou nos remos.

— Você disse dezoito?

— Seis para cada um de nós. Eu ficaria com oito, mas estas pulseiras me atrapalham um pouco. — Jaime ergueu os pulsos. — A menos que lady Brienne faça a gentileza de me soltar.

Ela o ignorou, empenhando todos os seus esforços nas remadas.

— Tínhamos meia noite de dianteira — disse Jaime. — Eles têm remado desde a alvorada, descansando dois remos de cada vez. Devem estar exaustos. A visão de nossa vela renovou suas forças, mas isso não durará. Conseguiríamos matar vários.

O queixo de sor Cleos caiu.

— Mas... eles são *dezoito*.

— Pelo menos. O mais certo é serem vinte ou vinte e cinco.

O primo gemeu.

— Não podemos esperar derrotar dezoito homens.

— E eu disse que podíamos? O melhor que podemos esperar é morrer de espada na mão. — Estava sendo completamente sincero. Jaime Lannister nunca teve medo da morte.

Brienne parou de remar. O suor tinha colado madeixas cor de linho em sua testa, e sua careta a fazia parecer mais rústica do que nunca.

— Você está sob a minha proteção — disse, com a voz tão carregada de ira que era quase um rosnado.

Ele não conseguiu não rir de tanta ferocidade. *Ela é o Cão de Caça com tetas*, pensou. *Ou seria, se tivesse algo que desse para chamar de teta.*

— Então proteja-me, garota. Ou me solte para que eu possa me proteger.

A galé pairava rio abaixo, como uma grande libélula de madeira. A água ao redor dela havia se transformado em espuma branca pelos furiosos movimentos de seus remos. Estava aproximando-se visivelmente, e os homens no convés aglomeravam-se na dianteira. Metal cintilava na mão deles, e Jaime também via arcos. *Arqueiros*. Detestava arqueiros.

À proa da galé encontrava-se um homem robusto, de cabeça calva, espessas sobrancelhas grisalhas e braços musculosos. Sobre a cota de malha usava uma suja capa branca, com um salgueiro bordado em verde-claro, mas o manto estava preso por uma truta

prateada. *O capitão dos guardas de Correrrio*. Na sua época, sor Robin Ryger fora um lutador notavelmente persistente, mas seu tempo tinha passado; era da mesma idade de Hoster Tully, e envelhecera com o seu senhor.

Quando os barcos se aproximaram e ficaram a cinquenta metros um do outro, Jaime pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou por sobre a água.

— *Veio me desejar boa viagem, sor Robin?*

— *Vim levá-lo de volta, Regicida* — berrou sor Robin Ryger. — *Como foi que perdeu seus cabelos dourados?*

— *Espero cegar os inimigos com o brilho da cabeça. Funcionou bastante bem para você.*

Sor Robin não sorriu. A distância entre o esquife e a galé tinha diminuído para quarenta metros.

— *Atirem os remos e as armas ao rio, e ninguém se machucará.*

Sor Cleos virou-se.

— Jaime, diga a ele que fomos libertados por lady Catelyn... uma troca de cativos, legítima...

Jaime disse, por desencargo de consciência.

— *Catelyn Stark não governa em Correrrio* — gritou sor Robin de volta. Quatro arqueiros apertaram-se de ambos os lados do velho cavaleiro, dois ajoelhados e dois em pé. — *Arremessem suas espadas na água.*

— *Não tenho espada* — retorquiu —, *mas se tivesse iria espetá-la em sua barriga e cortaria as bolas desses quatro covardes.*

A resposta foi uma chuva de flechas. Uma cravou-se no mastro, duas perfuraram a vela e a quarta não atingiu Jaime por trinta centímetros.

Outra das grandes voltas do Ramo Vermelho aproximou-se à frente deles. Brienne atravessou-a em ângulo, o estaleiro balançou quando viraram e a vela estalou ao se encher de vento. À frente, uma grande ilha estendia-se no meio da calha. O canal principal fluía pela direita. À esquerda, uma corredeira fluía entre a ilha e as escarpas elevadas da margem norte. Brienne moveu a cana do leme e o esquife cortou para a esquerda, com a vela ondulando. Jaime observou seus olhos. *Olhos bonitos*, pensou, *e calmos*. Sabia ler os olhos de uma pessoa. Sabia qual era o aspecto do medo. *Ela está determinada, não desesperada.*

Trinta metros atrás, a galé entrava na curva.

— Sor Cleos, tome o leme — ordenou a moça. — Regicida, pegue um remo e nos mantenha afastados das rochas.

— Às ordens de minha senhora. — Um remo não era uma espada, mas a pá podia quebrar o rosto de um homem, se bem brandida, e o cabo podia ser usado para parar estocadas.

Sor Cleos enfiou o remo na mão de Jaime e engatinhou até a popa. Passaram pela ponta da ilha e entraram na corredeira em uma curva apertada, atirando uma onda contra a íngreme encosta enquanto o barco se inclinava. A ilha era densamente arborizada, um emaranhado de salgueiros, carvalhos e grandes pinheiros que lançavam profundas sombras sobre a água, escondendo as rochas e os troncos apodrecidos de árvores submersas. À esquerda, a falésia erguia-se abrupta e rochosa, e, em seu sopé, o rio espumava, branco, em volta de pedregulhos quebrados e montes de rochas caídos da face da escarpa.

Passaram do sol para a sombra, escondidos da vista da galé pela muralha verde das árvores e pela escarpa rochosa cinza-amarronzada. *Alguns momentos livres das flechas*, pensou Jaime, afastando-os de um pedregulho meio submerso.

O esquife balançou. Ouviu uma suave pancada na água e quando olhou em volta,

Brienne tinha desaparecido. Um momento mais tarde voltou a vê-la, erguendo-se de dentro da água para a base da escarpa. Ela atravessou um charco raso, subiu algumas rochas e começou a escalar. Sor Cleos arregalava os olhos, de boca aberta. *Idiota*, pensou Jaime.

— Ignore a garota — exclamou para o primo. — Guie o barco.

Já viam a vela movendo-se atrás das árvores. A galé fluvial surgiu, no topo da corredeira, vinte e cinco metros atrás deles. Sua proa oscilou violentamente quando ela virou, e meia dúzia de flechas levantaram voo, mas todas passaram bastante longe. O movimento dos dois barcos estava dando trabalho aos arqueiros, mas Jaime sabia que eles aprenderiam a compensar dentro de pouco tempo. Brienne encontrava-se no meio da escarpa, içando-se de apoio em apoio. *Ryger vai vê-la com certeza e, assim que isso acontecer, ordenará àqueles arqueiros que a abatam*. Jaime decidiu verificar se o orgulho do velho o tornava estúpido.

— *Sor Robin* — gritou —, *escute-me por um momento*.

Sor Robin ergueu uma mão e os arqueiros baixaram os arcos.

— *Diga o que quiser, Regicida, mas diga depressa*.

O esquife sacudiu por entre uma confusão de pedras quebradas enquanto Jaime gritava:

— *Conheço uma maneira melhor de resolver este assunto... combate individual. Você e eu*.

— *Não nasci esta manhã, Lannister*.

— *Não, mas é provável que morra esta tarde*. — Jaime ergueu as mãos para que o outro pudesse ver as algemas. — *Lutarei com você acorrentado. Que tem a temer?*

— *Não você, sor. Se a escolha fosse minha, nada me agradaria mais, mas recebi ordens de levá-lo de volta vivo, se possível. Arqueiros*. — Fez-lhes sinal para avançar. — *Encaixar. Puxar. Larg...*

A distância era inferior a vinte metros. Os arqueiros dificilmente teriam falhado, mas, no momento em que puxavam os arcos, uma cascata de seixos choveu em volta deles. Pequenas pedras matraquearam no convés, ricochetearam em seus elmos e caíram na água de ambos os lados da proa. Os que tinham cérebro suficiente para compreender levantaram os olhos no exato instante em que um pedregulho do tamanho de uma vaca se despreendeu do topo da íngreme encosta. Sor Robin gritou, consternado. O pedregulho girou no ar, atingiu a face do penhasco, rachou em dois e esmagou-se sobre eles. O pedaço maior quebrou o mastro, atravessou a vela, atirou dois dos arqueiros no rio e esmagou a perna de um remador no momento em que ele se dobrava sobre o remo. A rapidez com que a galé começou a se encher de água sugeria que o fragmento menor tinha atravessado o casco. Os gritos dos remadores ecoaram na encosta enquanto os arqueiros esbracejavam freneticamente na corrente. Julgando pelo modo como chapinhavam na água, nenhum deles sabia nadar. Jaime soltou uma gargalhada.

Quando emergiram da corredeira, a galé afundava por entre charcos, turbilhões e obstáculos submersos, e Jaime Lannister chegou à conclusão de que os deuses eram bons. Sor Robin e seus triplamente malditos arqueiros teriam uma longa e encharcada caminhada de volta a Correrrio, e também tinha se visto livre da grande garota rústica. *Eu mesmo não poderia ter planejado isso melhor. Assim que me livrar destes ferros...*

Sor Cleos soltou um grito. Quando Jaime olhou para cima, Brienne deslocava-se pelo topo da encosta bem à frente deles, depois de cortar por um istmo enquanto o barco seguia a curva do rio. Atirou-se do rochedo, e pareceu quase graciosa ao se dobrar para um mergulho. Teria sido descortês ter esperança de que ela esmagasse a cabeça numa pedra. Sor Cleos virou o esquife em sua direção. Felizmente, Jaime ainda tinha o remo. *Uma boa cacetada quando ela emergir bracejando, e me livro dela*.

Mas, em vez disso, viu-se estendendo o remo por cima da água. Brienne agarrou-se a ele, e Jaime puxou-a para dentro. Enquanto a ajudava a subir para o esquiife, água escorreu dos cabelos dela e pingou de suas roupas empapadas, fazendo uma poça no convés. É ainda mais feia molhada. Quem acharia que isso seria possível?

— É uma garota burra demais — disse-lhe. — Podíamos ter continuado sem você. Suponho que espera que lhe agradeça?

— Não quero nenhum agradecimento seu, Regicida. Prestei o juramento de levá-lo a salvo até Porto Real.

— E pretende mesmo mantê-lo? — Jaime concedeu-lhe o mais resplandecente de seus sorrisos. — Isso é de admirar.